



SOBRE VARIAÇÃO, MUDANÇA E REPRESENTAÇÃO DA CODA (r) NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO

ABOUT VARIATION, CHANGE AND REPRESENTATION OF CODA (r) IN THE SPEECH COMMUNITY OF RIO DE JANEIRO

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo¹, Christina Abreu Gomes²

RESUMO

Este trabalho aborda questões de variação, mudança e representação da coda (r) medial e final de não-verbos na comunidade de fala do Rio de Janeiro através da comparação do comportamento de dois grupos sociais: a) adolescentes moradores de favelas que diferem em termos de integração social (amostras EJLA e Fiocruz); b) grupo de falantes da classe média-média e média-baixa (subgrupo da amostra Censo 2000). Os resultados serão interpretados à luz dos Modelos Baseados no Uso, os quais propõem a variação sonora está representada no léxico do falante (GOMES e SILVA, 2004, FOULKES e DOCHERTY, 2006). O envelope da variação considerou a realização e não-realização da coda. Os resultados revelam que a variação da coda (r) nas duas posições da coda na palavra, medial e final, diferem em relação aos condicionamentos, etapa da mudança e representação. O estudo também contribui para ampliar o conhecimento da dinâmica sociolinguística da comunidade de fala do Rio de Janeiro ao incluir segmentos sociais normalmente não mapeados nas amostras de fala espontânea.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Mudança; Coda (r).

1 Prof. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: malmelo.lopes@letras.ufrj.br.

2 Professora Associada 4 da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: christina-gomes@uol.com.br.

Recebido em: 15/06/2018

Revisado: 03/11/2018

Aceito em: 22/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

ABSTRACT

This work addresses issues of variation, change and representation of the medial and final non-verbs coda (r) through the comparison of the behavior of two social groups in the speech community of Rio de Janeiro in relation to the variation of internal and non-verbs final coda (r): a) slum-living adolescents that differ in terms of social integration (EJLA and Fiocruz sample); b) group of middle-middle and low-middle class speakers (subgroup of the Censo 2000 sample). Results will be interpreted in the light of Usage Based Models, which propose that variation is represented in the speaker lexicon (GOMES and SILVA, 2004; FOULKES and DOCHERTY, 2006). The envelope of variation considered the presence or absence of the coda (r). The results revealed that the variation of coda (r) in both positions of the word, medial and final, differs in terms of the constraints, stage of change, and representation. The study also contributed to broaden the knowledge of the sociolinguistic dynamics of the speech community of Rio de Janeiro by including social segments not normally mapped in spontaneous speech samples.

KEYWORDS: Variation, Change, Coda (r).

Introdução

A realização variável da coda (r)³ no Português Brasileiro foi tratada em diversos estudos sociolinguísticos que procuraram identificar as variantes da variedade do PB estudada e os condicionamentos linguísticos e sociais (VOTRE, 1978; CALLOU, 1980, 2008; OLIVEIRA, 1983; MONARETO, 2000; HORA e MONARETO, 2002; CALLOU et al, 1998; CALLOU e SERRA, 2012, 2013, entre outros). Este artigo pretende contribuir para o entendimento da variação do (r) em coda interna e final de não-verbos no PB, a partir de dados de segmentos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro os quais normalmente não são mapeados nos estudos sociolinguísticos. Além disso, será adotada uma abordagem teórica da variação, diferente da utilizada nos estudos sobre o tema, a dos Modelos baseados no Uso, segundo a qual a variação tem status representacional no conhecimento linguístico do falante (PIERREHUMBERT, 1994; DOCHERTY e FOULKES, 2014; CRISTÓFARO-SILVA E GOMES, 2017).

A análise e reflexões aqui apresentadas se baseiam nos resultados obtidos em Melo (2017) e focalizam a questão dos condicionamentos linguísticos e sociais da variação, se a variabilidade nas duas posições do item lexical constitui processo de mudança em progresso ou variação estável, o comportamento de itens lexicais e suas consequências para o estabelecimento

3 A representação da variável entre parênteses, coda (r), segue a convenção de representação de variável linguística na Sociolinguística. Essa convenção foi estabelecida nos primeiros estudos sociolinguísticos conforme em Labov (2008/1972: 30): “Ao iniciarmos o estudo sistemático desse padrão de centralização, nos referiremos às variáveis linguísticas (ay) e (aw) em lugar dos fonemas /ay/ e /aw/. Onde as diferenças subfonêmicas na posição do núcleo /ay/ e /aw/ são consideradas como variação livre, e linguisticamente insignificantes, as variantes (ay) e (aw) mostram diferenças significativas em sua distribuição e carregam informação sociolinguística. Neste caso (mas nem sempre), as variáveis (ay) e (aw) representam a mesma substância fonética das categorias invariantes /ay/ e /aw/; os parênteses indicam uma abordagem diferente da análise da variação. Enquanto / / indicam que a variação interna deve ser desconsiderada por ser insignificante, () indica que essa variação é o principal foco do estudo.”

das representações dos itens lexicais com a estrutura em questão. A análise se desenvolve a partir da comparação de dados da fala espontânea de indivíduos pertencentes a dois grupos sociais distintos: a) um grupo de indivíduos pertencentes à classe média-média e média-baixa (subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000); b) dois grupos de adolescentes pertencentes à classe baixa, moradores de favelas, com diferentes graus de inserção social (Amostras Fiocruz e EJLA). A inclusão de segmentos sociais normalmente ausentes das amostras de fala dos estudos sociolinguísticos permite a comparação do comportamento de grupos de falantes pertencentes a classes sociais distintas e com diferentes graus de inserção social, o que possibilita capturar, mais amplamente, a dinâmica sociolinguística da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Ainda, a análise da produção de falantes de classe baixa, com maior frequência de ausência de coda (r) interna, permitiu observar os condicionamentos linguísticos para as variantes da coda (r) em posição de interior de vocábulo, aspecto não abordado nos estudos que incluem a coda em interior de vocábulo em amostras com falantes do Rio de Janeiro, provavelmente devido ao baixo percentual de não-realização da coda neste contexto.

O envelope da variação foi definido em função da presença ou ausência da coda (r) na produção dos falantes que constituem as amostras estudadas, como em *cerveja* ~ *ceØveja*, *calor* ~ *caloØ*, independentemente da característica fonética do segmento produzido em coda. A coda (r) no final de verbos não foi analisada por ter sido praticamente categórica a não-realização da coda nas amostras utilizadas neste estudo. De fato, sua ausência praticamente categórica, também observada em outras variedades do PB, parece refletir um processo de mudança já completamente implementado (OLIVEIRA, 1983; CALLOU, LEITE e MORAIS, 2010; MENEZES, 2012).

Serão apresentados a seguir, na seção 2, os conceitos principais que sustentam a abordagem adotada neste estudo: o de variação como representação, de acordo com os Modelos baseados no Uso. A seção 3 contém a metodologia e uma breve descrição das amostras em estudo. As seções 4 e 5, respectivamente, tratam da análise dos dados obtidos e considerações finais.

Variação como representação

Este estudo adota a hipótese dos Modelos Baseados no Uso (doravante MBU), segundo a qual a variabilidade observada no uso é parte das representações das formas das palavras no léxico do falante. O modelo propõe que o detalhe fonético do sinal acústico faz parte da representação da forma das palavras no léxico, aí incluído o detalhe fonético socialmente indexado. Neste modelo, a variação, assume um status representacional (FOULKES e DOCHERTY, 2006; CRISTÓFARO-SILVA e GOMES, 2017), diferentemente do tratamento como processo, normalmente presente na tradição dos estudos sociolinguísticos (HINSKENS, BERMANS, OOSTENDORP, 2014; GUY, 2014).

A representação detalhada é capturada pela Teoria de Exemplares (doravante TE) que

oferece uma hipótese de representação para que a modelagem da variabilidade seja construída nos MBU. De acordo com a TE, a representação do padrão sonoro de um determinado item lexical consiste no registro detalhado da experiência do indivíduo em ouvir e produzir esse item, não reduzida apenas às informações distintivas dos segmentos que constituem o item (CRISTÓFARO-SILVA e GOMES, 2004; FOULKES e DOCHERTY, 2006; CRISTÓFARO-SILVA e GOMES, 2017). Assim, características articulatórias e acústicas detalhadas, baseadas na experiência do indivíduo com a língua em diversas situações de uso, envolvendo, portanto, produção e percepção, integram a representação lexical. Ainda, a representação em exemplares permite capturar também informações de indexação social de várias naturezas como classe social, gênero/sexo, variedade regional, idade, entre outras (FOULKES e DOCHERTY, 2006).

Os MBU, ao incorporarem a TE como modelo de representação, assumem a hipótese de que as representações das formas sonoras das palavras no léxico são redundantes e o conhecimento abstrato emerge das representações detalhadas. A variabilidade encontrada no uso é representada diretamente pelas formas detalhadas armazenadas no léxico. Em outras palavras, as formas sonoras dos itens lexicais estão representadas no léxico e constituem generalizações a partir da fala. Outros tipos de representação de diferentes graus de abstração (gramática fonológica, relações fonotáticas, relações morfossintáticas) emergem a partir das representações detalhadas (BYBEE, 2001; 2010; PIERREHUMBERT 2003; 2016). Postula-se ainda que o léxico é organizado em redes lexicais baseadas nas similaridades sonoras e semânticas entre as palavras (BYBEE, 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2003, 2016) e não em uma lista não estruturada.

A representação em exemplares permite capturar a experiência do falante nas situações de uso linguístico e, assim, as representações são constantemente atualizadas, o que pode levar não só à consolidação de características articulatórias e acústicas recorrentes, como também acrescentar novas. Dessa forma, as representações lexicais nos MBU são compreendidas como estáveis, porém dinâmicas.

A representação em exemplares permite capturar efeitos de frequência observados em estudos de mudança linguística. Bybee (2001:10) menciona dois tipos de frequência: frequência de ocorrência (*token frequency*) e frequência de tipo (*type frequency*). A frequência de ocorrência é determinada pela quantidade de vezes em que uma unidade ocorre em um determinado corpus, ao passo que frequência de tipo é determinada pela quantidade de itens lexicais que compartilham determinado padrão. Os dois tipos de frequência, ainda de acordo com Bybee (2010, 2012), atuam como mecanismos de propagação da mudança. Segundo Bybee (2001, 2010), a frequência de ocorrência dos itens lexicais impacta a representação lexical e efeitos de frequência de ocorrência podem ter papel promotor ou conservador a depender do tipo de mudança, respectivamente, se sonora ou por analogia.

Com relação à mudança sonora, há diversas evidências na literatura que apontam para o fato de que, quando há condicionamento fonético, a mudança sonora que envolve enfraqueci-

mento ou redução de segmentos atinge primeiramente itens lexicais mais frequentes (BYBEE, 2002; 2012; 2015; PHILLIPS, 2006). Isso porque qualquer modificação foneticamente motivada ocorre no momento da produção, ou seja, no momento da articulação propriamente dita, por meio da redução de gestos articulatórios ou de coarticulações (BYBEE, 2012). Nesse sentido, quanto mais um item for usado, mais sujeito estará a sofrer mudança. No entanto, itens com alta frequência de ocorrência costumam ter representações robustas no léxico, estando menos sujeitos a mudanças analógicas que envolvem categorias mais abstratas.

Deste modo, juntamente com condicionamentos estruturais, este trabalho também focaliza o comportamento do item lexical no condicionamento da variação da coda (r). De acordo com Bybee (2002), a incompatibilidade entre condicionamento estrutural e item lexical se coloca em modelos que estabelecem representações abstratas baseadas em fonemas e excluem, portanto, o detalhe fonético.

A variação da coda (r) no PB

Os trabalhos realizados anteriormente sobre a coda (r), com dados de diferentes variedades do PB, tratam a variação como um processo que se aplica a uma representação abstrata, e as variantes são resultantes da aplicação de “regras” ou processos de retenção da coda (VOTRE, 1978), apagamento (CALLOU, LEITE e MORAES, 1996; HORA e MONARETTO, 2003), ou ainda como apagamento da coda interna e final em nominais e inserção da coda final em infinitivos (OLIVEIRA, 1983).

Oliveira (1983), em estudo sobre a variedade falada em Belo Horizonte, foi o primeiro a propor um tratamento diferenciado do ponto de vista analítico para os três contextos da coda (r): coda final de verbos, coda final em não-verbos e codas mediais. Para o autor, os raros casos de realização do (r) em coda final em verbos deveriam ser interpretados como consequência de um processo de inserção condicionado pelo contexto seguinte e estilo de fala. O autor argumenta que a ausência quase que categórica da coda (r) em final de verbos reflete o estágio final de um processo de mudança, o que o levou a postular que a representação abstrata da forma verbal no infinitivo não contém a coda final.

No mesmo sentido, Menezes (2012) e Menezes e Gomes (2012), mostraram, em estudo sobre aquisição da variedade carioca do PB com crianças entre 2 e 5 anos de idade, a ausência quase que categórica da coda em final de verbos no infinitivo e na 3ª pessoa do singular do verbo ‘querer’. O comportamento das crianças relativo à produção de formas verbais no infinitivo foi interpretado como reflexo do estágio final de uma mudança em razão de um processo de enfraquecimento da coda (r) final nesta variedade. Também foi proposto que a *representação central* de formas verbais no infinitivo, na variedade estudada, não contém a coda final, muito embora, periféricamente inclua exemplares de realizações fonéticas em função da experiência do falante. Por outro lado, no que diz respeito às codas mediais, Menezes (2012) observou que a

realização da coda (r) interna é baixa entre as crianças mais novas (2;0 e 2;6 anos), mas aumenta substancialmente entre crianças mais velhas (5;0 anos). De acordo com a autora, o resultado indica que a coda (r) medial é a representação principal de palavras como *árvore, sorvete e jornal*, refletindo o padrão observado em adultos na comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Com relação ao condicionamento da variação, Oliveira observou condicionamentos bastante semelhantes para a não-realização da coda final em nomes e para a coda interna: em ambos os casos, a não-realização da coda (r) é favorecida em contexto seguinte constituído por obstruintes sonoras e laterais, ao passo que obstruintes surdas e nasais desfavorecem a não-realização do mesmo segmento. Ainda segundo Oliveira, por razões articulatórias, as vogais altas favorecem ligeiramente o cancelamento da coda (r) e, muito embora deixe claro desconhecer a explicação, o autor também observou que a não-realização da coda (r) interna é favorecida se o segmento ocorrer em sílaba tônica. Por obedecerem basicamente aos mesmos condicionamentos fonológicos, Oliveira (op. cit.) conclui que o cancelamento [sic.] de codas finais em não-verbos e codas internas constitui “duas facetas de um mesmo processo fonológico”, o que leva o autor a formular uma regra para o cancelamento nesses casos: diante de consoante [+sonora] e [-nasal], o (r) tende a ser cancelado. Já para a variedade falada em João Pessoa, Hora e Monaretto (2003) identificaram, para a coda interna, variação somente quando o contexto seguinte é uma fricativa, sendo a realização categórica quando a coda é seguida das demais consoantes. Para a coda final, os autores, analisando conjuntamente nomes e verbos, observaram que o cancelamento da coda é favorecido em substantivos, adjetivos e verbos, seguida de vogal e em sílaba tônica.

Callou, Moraes e Leite (1998, 2010) analisaram o apagamento do (r) em posição final de palavra na comunidade do Rio de Janeiro. Foram realizados um estudo de tempo aparente e um estudo de tempo real de curta duração, a partir de conjuntos de dados do Projeto NURC em três épocas distintas: década de 1970, 1992 e 1996. As seguintes variáveis foram analisadas: tamanho do item, vogal precedente, consoante seguinte, pausa subsequente, classe morfológica, item lexical, tonicidade, faixa etária e gênero do falante. Inicialmente, os autores observaram que a não-realização da coda (r) foi mais frequente nos verbos, o que conduziu à análise separada de verbos e não-verbos. Apesar de não descreverem os resultados, os autores argumentam que são grupos de fatores estruturais relevantes para a não-realização da coda (r) final: acento frasal (para verbos e não-verbos) e vogal precedente (somente para não-verbos). Os autores concluíram que a não-realização da coda (r) em final de palavra constitui: em relação às mulheres, um processo de mudança em progresso para verbos e não-verbos; em relação aos homens, um processo de variação estável para os verbos e um processo de mudança em curso para os não-verbos, sem qualquer estigma social.

Callou e Serra (2013) analisaram a não-realização do (r) em posição de coda final, a partir de amostras de fala do projeto NURC (décadas de 1970 e 1990) com falantes com nível universitário, nascidos nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. As autoras obser-

varam a não-realização do segmento a partir da posição da sílaba da qual o segmento faz parte e do tipo de domínio prosódico. Isto porque, ainda conforme as autoras, a maior frequência de não-realização da coda final e da coda interna são explicadas em razão do tipo de fronteira prosódica: “quanto mais alta a fronteira maior a tendência à preservação” (p. 587). A partir dos resultados obtidos para as duas décadas analisadas (1970 e 1990), as autoras concluíram que, para além das diferenças observadas nas diferentes cidades, há “uma tendência mais geral (...) ao cancelamento do rótico na coda final”, motivo pelo qual a informação morfológica (verbos e não-verbos) deixará de ser importante. De acordo com as autoras, em Salvador o processo em direção à não-realização do (r) final já estaria concluído para verbos e não-verbos; no Rio de Janeiro, observa-se um aumento bastante expressivo da não-realização da coda tanto entre verbos (de 46% para 81%) como entre não-verbos (6% para 66%). Em outras palavras, as autoras sustentam que há um processo em direção à não-realização da coda (r) final que atingiria não só os verbos, mas também os não-verbos.

Importante chamar a atenção para o fato de a maioria dos trabalhos sobre a coda (r) tratam apenas de codas finais, quer seja de verbos, quer seja de nomes. O baixo percentual observado nos diferentes estudos para a não-realização da coda interna parece ter sido fator preponderante para que esta variável não fosse objeto da maioria dos estudos sobre a variação da coda (r), no que diz respeito à análise de condicionamentos estruturais, sobretudo na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Callou, Moraes e Leite (1998), por exemplo, excluíram do estudo a coda medial, haja vista que a realização do (r) nesta posição era praticamente categórica.

A maioria dos trabalhos mencionados nesta seção adotam a hipótese de representação única subjacente dos itens com coda (r) e a variabilidade observada na fala como sendo o resultado do mapeamento destas formas através de processos ora definidos como apagamento ou cancelamento (CALLOU et al., 1998; CALLOU e SERRA, 2013; HORA e MONARETTO, 2003 e OLIVEIRA, 1983, especificamente para não-verbos), retenção (VOTRE, 1978) e inserção (OLIVEIRA, 1983, especificamente para a coda em final de infinitivos). Neste trabalho, assim como em Menezes (2012), assumindo a hipótese de status representacional da variação, propõe-se que as representações dos itens lexicais que historicamente contêm a coda (r) correspondem a uma nuvem de exemplares, baseadas na experiência de uso do falante. No caso específico dos falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro para os casos abordados neste estudo, coda interna e final de não-verbos, as nuvem de exemplares podem incluir as diferentes realizações fonéticas observadas nesta variedade nos diferentes contextos sonoros e também interacionais, como [ka'lox], [ka'loɣ], [ka'loh], [ka'lofi], [ka'lo], assim como instâncias que podem fazer parte da experiência de contato do falante com outras variedades do PB, como, por exemplo, [ka'loi], [ka'lor]. Conforme já foi mencionado, a robustez das representações dos diversos exemplares tem relação com a experiência (exposição) de cada falante a essas instâncias.

Metodologia

A metodologia de trabalho é a utilizada nos estudos sociolinguísticos no que diz respeito à coleta de dados de fala espontânea, verificação de condicionamentos linguísticos e sociais da variação, além da análise dos dados. Os dados foram coletados de três amostras de fala espontânea da comunidade de fala do Rio de Janeiro: Amostra CENSO 2000, Amostra EJLA e Amostra Fiocruz. As três amostras, elaboradas a partir da metodologia da sociolinguística variacionista para obtenção de fala espontânea, integram o acervo do PEUL/UFRJ e representam dois grupos sociais distintos, com características socioeconômicas particulares.

A Amostra EJLA, constituída entre 2008 e 2009, é formada por 14 indivíduos, todos do sexo masculino, com idades entre 14 e 20 anos, moradores de favelas do Rio de Janeiro, e que, à época da realização das entrevistas, cumpriam medida socioeducativa de internação em instituição pública do estado do Rio de Janeiro, em razão do cometimento de atos infracionais. São oriundos de famílias cujos vínculos afetivo-relacionais e referências de identificação são muito frágeis. São, portanto, indivíduos em situação de alta vulnerabilidade social, que não atuam no mercado formal de trabalho e, como consequência, em sua maioria, participam de facções criminosas com associação ao tráfico de drogas.

A Amostra Fiocruz, constituída entre 2010 e 2011, é composta por 24 indivíduos de ambos os sexos (masculino e feminino), com idades entre 17 e 20 anos e, assim como os indivíduos da EJLA, também são moradores de favelas. À época das entrevistas, todos do grupo participavam de um curso de monitor de museu, atividade oferecida para jovens de comunidades pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Para serem aceitos no curso, os adolescentes deveriam estar cursando, obrigatoriamente, o primeiro ano do Ensino Médio e precisavam ser aprovados em um processo seletivo que incluía não só uma entrevista, mas também uma prova de produção textual (redação). Também foi observado que esses jovens não só eram oriundos de famílias com vínculos afetivo-relacionais mais estáveis, como também contavam com o incentivo da família para continuarem seus estudos. Além disso, esses adolescentes eram monitorados quanto à continuação dos estudos (na escola de origem) e recebiam uma bolsa auxílio da Fiocruz, a fim de garantir a participação no curso e evitar uma inserção antecipada no mercado de trabalho.

A Amostra Censo 2000, constituída entre os anos de 1999 e 2000, é composta de 31 falantes, distribuídos de acordo com os mesmos parâmetros estratificadores da Amostra Censo 1980, quais sejam: mesma segmentação de faixa etária (07 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos), falantes distribuídos por 03 níveis de escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio), sexo masculino e feminino. Os falantes foram selecionados aleatoriamente em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, mantendo-se a mesma metodologia adotada na constituição da Amostra Censo 1980.

Para esta pesquisa, foram selecionados 08 falantes de cada amostra. Especificamente, os selecionados da amostra Censo 2000 podem ser caracterizados como pertencentes à classe média-média e média-baixa, em função dos seguintes critérios: são moradores de bairros ou subúrbios da região do Grande Rio, com acesso ao mercado formal de trabalho, concluíram o Ensino Fundamental e/ou Médio. Os outros dois grupos de falantes, das amostras EJLA e Fiocruz, se assemelham em razão de serem adolescentes moradores de favelas, porém se diferenciam por apresentarem diferentes graus de inserção social e acesso às instituições formadoras de padrões linguísticos e sociais. As diferentes características observadas para cada um dos dois grupos sociais refletem não só experiências sociais dos sujeitos que as compõem, mas também propiciam a formação de identidades sociais e comportamentos linguísticos distintos.

As variáveis linguísticas testadas para as três amostras (EJLA, Fiocruz e Censo 2000), no que diz respeito à não-realização tanto da coda (r) interna como da coda (r) final de não-verbos, foram: ‘contexto seguinte’, ‘contexto anterior’, ‘tamanho do item’, ‘tonicidade da sílaba em que o (r) ocorre’ e ‘item lexical’. Em relação às variáveis sociais, a variante ‘sexo’ foi testada para o subgrupo da Amostra Censo 2000 e Amostra Fiocruz, tendo em vista que Amostra EJLA é composta apenas por falantes do sexo masculino. As variáveis ‘grau de escolaridade’ e ‘faixa etária’ foram testadas em relação ao subgrupo da Amostra Censo 2000, uma vez que nas outras duas amostras não há estratificação por escolaridade e idade. A variável ‘indivíduo’ foi também observada para as três amostras. O envelope da variação, conforme já mencionado, considerou duas variantes da coda (r) interna e final de não-verbos: realização e não realização.

Foi utilizado o Pacote Rbrul para o tratamento estatístico dos dados através da regressão logística. A escolha do Programa Rbrul para realização da análise estatística dos dados se deve à possibilidade de esta ferramenta poder incluir variáveis aleatórias, como item lexical e indivíduo, juntamente com variáveis independentes. Variáveis aleatórias são aquelas cujos fatores são abertos e podem ter características mapeadas por outras variáveis. No caso das variáveis mencionadas, propriedades dos itens lexicais como, por exemplo, tonicidade da sílaba com coda e tamanho da palavra foram analisadas conjuntamente com a variável item lexical, assim como sexo, idade e escolaridade dos indivíduos da Amostra Censo 2000.

Análise dos dados

Esta seção apresenta os resultados obtidos para a variação da coda (r). A Tabela 1 a seguir apresenta os percentuais de não-realização da coda (r) interna e final em não-verbos nas três amostras:

Tabela 1: Resultados (r) em coda final em não-verbos e (r) em coda interna para o subgrupo da Amostras CENSO 2000 e amostras EJLA e Fiocruz

POSIÇÃO DA CODA	Amostra CENSO 2000		Amostra Fiocruz		Amostra EJLA	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
final (não-verbos)	244/448	54,5	114/161	70,8	228/275	83,0
interna	42/994	4,2	138/802	17,2	163/648	25,2

Apesar de apresentarem percentuais bem distintos, é possível observar um percentual elevado de não-realização da coda (r) final de não-verbos nas três amostras: 54,5 % para o subgrupo da Amostra Censo 2000; 70,8% para a Amostra Fiocruz; e 83,0% para a Amostra EJLA. Os percentuais para o subgrupo da Amostra Censo 2000 e da Amostra Fiocruz se encontram próximos daqueles descritos por Callou e Serra (2013) para falantes com nível superior (amostra NURC) da cidade do Rio de Janeiro: 66%. Já o percentual para os falantes da amostra EJLA se mostra mais elevado tanto em relação às outras duas amostras quanto em relação ao percentual apresentado por Callou e Serra (op. cit.).

Em relação à coda (r) interna, os percentuais são bem mais baixos do que aqueles observados para a coda em final de palavra. Os resultados colocam os falantes do subgrupo da Amostra Censo 2000 bem próximos ao percentual apresentado por Callou (2008) para falantes com nível universitário do Rio de Janeiro, 3%. No entanto, conforme se observa a partir dos dados obtidos com falantes das Amostras EJLA e Fiocruz, a não-realização do (r) em coda interna merece especial atenção, uma vez que o percentual de não-realização da coda (r) interna para essas duas amostras se mostra bem superior àquele encontrado em Callou (2008): 17,2% para a Amostra Fiocruz e 25,2% para a Amostra EJLA.

A seguir, serão apresentados os resultados para a coda (r) interna e, posteriormente, os resultados para a coda (r) final em não-verbos. Os resultados contribuem para verificar a hipótese formulada por Oliveira (1983: 40-41), segundo a qual os condicionamentos para a não-realização da coda (r) final de não-verbos e da coda (r) interna são os mesmos. Em outras palavras, os resultados obtidos em Oliveira (op. cit.) levaram-no a afirmar que a não-realização da coda (r) final em não-verbos e em interior de palavra “duas facetas de um mesmo processo fonológico”, dadas as condições fundamentalmente idênticas sob as quais o (r) não é realizado. Segundo o autor, a variação da coda (r) no PB teria começado na sílaba em posição final e depois se expandido para a sílaba interna. Também, a partir da análise será retomada a questão da representação da coda (r) nestes contextos.

Coda (r) em posição interna

As variáveis linguísticas testadas em cada uma das três amostras, no que diz respeito à realização do (r) em coda interna, foram: ‘contexto seguinte’, ‘contexto anterior’, ‘tamanho do item’, ‘tonicidade da sílaba em que o (r) ocorre’, ‘item lexical’. Dada a impossibilidade de o programa Rbrul encontrar um modelo estatístico para ‘contexto seguinte’, os contextos seguinte e anterior foram amalgamados da seguinte forma: a) devido ao elevado número de não-realização da coda (r) interna quando o contexto seguinte era constituído por uma fricativa, as consoantes do grupo ‘contexto seguinte’ foram amalgamadas em ‘fricativas’ e ‘demais’; b) as vogais foram amalgamadas em função da altura, conforme já testado por Oliveira (1983): vogais altas, médias e baixas.

A pouca quantidade de dados sem a realização da coda no subgrupo da amostra Censo 2000, tal como se observa em trabalhos anteriores, foi uma razão importante para que nenhum condicionamento estrutural tenha sido selecionado pelo programa para os dados dessa amostra. A fim de verificar se há condicionamentos sociais atuando para a não-realização coda (r) interna para os falantes do subgrupo da amostra Censo 2000, uma outra rodada foi realizada com os dados levantados para esse subgrupo, levando-se em consideração apenas as variáveis sociais (sexo, grau de escolaridade e idade). Os resultados dessa rodada serão apresentados no final desta seção.

Os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico como relevantes para a não-realização da coda (r) interna nas outras duas amostras foram: item lexical e contexto seguinte ($7.72e-08$) + indivíduo ($3.18e-07$) para a Amostra Fiocruz; item lexical e contexto seguinte ($5.25e-10$) + indivíduo (0.00142) para a Amostra EJLA⁴.

Dentre as variáveis selecionadas pelo programa, o contexto seguinte constitui um importante condicionamento para a não-realização do (r) em coda interna, tendo em vista a maior significância (p-valor) nas duas amostras. Conforme se observa na Tabela 02 a seguir, os resultados obtidos para ‘contexto seguinte’, nas amostras Fiocruz e EJLA, apontam para um forte favorecimento à não-realização da coda (r) interna quando o contexto seguinte é constituído por uma consoante fricativa:

4 A variável ‘indivíduo’ pode ser rodada como variável independente (fixed effect) e não aleatória (random effect) nas rodadas das duas amostras, Fiocruz e EJLA, porque, em relação à última não há outras variáveis sociais, de acordo com o explicitado na seção de Metodologia, e, em relação aos dados da Fiocruz, a variável sexo foi excluída da rodada apresentada por não ter sido selecionada (p-valor>0.05).

Tabela 2: Resultados (r) em coda interna para as amostras Fiocruz e EJLA: CONTEXTO SEGUINTE

contexto seguinte	Fiocruz			EJLA		
	Apl/N	%	Peso	Apl/N	%	peso
Fricativa	60/114	52,6	0,904	88/109	80,7	0,995
Demais	57/424	13,4	0,096	63/353	17,8	0,005

Provavelmente, o condicionamento do contexto seguinte para a não-realização da coda (r) interna ocorre por questões articulatórias, revelando um processo de assimilação: quando, como no caso observado, dois segmentos sonoros compartilham o mesmo modo de articulação (fricativa), ocorre a assimilação. Como na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a coda (r) interna é sempre realizada como fricativa velar ou glotal: se o contexto seguinte for constituído por outra fricativa, teremos um ambiente composto por duas fricativas seguidas, o que levaria à assimilação de ambos os segmentos e à não-realização da coda (r) interna.

Apesar da forte motivação fonética para a não-realização do (r) em coda para os dados das amostras EJLA e Fiocruz, os dados obtidos por Callou (2008) e Callou, Moraes e Leite (1998) são praticamente categóricos para a realização da coda interna. Ademais, parece que não se confirmam os condicionamentos para ‘contexto seguinte’ sugeridos por Oliveira (1983), isto é, um efeito forte de favorecimento para a não-realização do (r) em coda quando este for seguido por lateral ou obstruintes sonoras. Por outro lado, os resultados obtidos para a coda interna com dados do Rio de Janeiro se assemelham ao encontrado em Hora e Monaretto (2003) para o efeito de consoante fricativa como contexto seguinte à coda. Diferentemente ao observado para a variedade de João Pessoa, há variação quando a consoante seguinte não é uma fricativa, contexto que desfavorece a realização do item lexical sem a coda (r).

No tocante aos indivíduos das amostras Fiocruz e EJLA, os percentuais de não-realização do (r) em coda interna variam consideravelmente entre os indivíduos das duas amostras. A Tabela 3 traz os resultados para a variável ‘indivíduo’ nas duas amostras:

Tabela 3: Resultados (r) em coda interna para as amostras Fiocruz e EJLA: INDIVÍDUO

falante	Fiocruz			Falante	EJLA		
	Apl/N	%	peso		Apl/N	%	Peso
P	16/51	33,30	0,838	U	12/39	30,80	0,952
A	31/82	37,80	0,779	M	12/41	31,70	0,881
D	14/41	34,10	0,630	C	9/47	19,10	0,585
K	16/74	21,60	0,418	V	24/49	49,00	0,465
N	9/68	13,20	0,390	J	13/71	18,30	0,449
E	10/68	14,70	0,385	R	36/99	36,40	0,281
a	10/69	14,50	0,270	C	19/52	36,50	0,163
M	10/85	11,80	0,233	L	8/43	18,60	0,083

Apesar da grande variabilidade entre os indivíduos, conforme se depreende dos resulta-

dos, é possível verificar que os falantes que menos realizam a coda (r) interna nas Amostras Fiocruz (falante ‘M’; 11,80%) e EJLA (falante ‘J’; 18,30%) apresentam frequência superior aos 3% encontrados em Callou (2008). A grande variabilidade encontrada nos resultados revela que é possível capturar, em uma mesma comunidade de fala, diferentes comportamentos entre os indivíduos, os quais contribuem diferentemente para a variação do (r) em posição de coda interna.

Relativamente à variável ‘item lexical’, foram observados os itens com três ou mais ocorrências⁵ nas amostras Fiocruz e EJLA em que a coda (r) interna não foi realizada, a fim de analisar o comportamento de tais itens. As Tabelas 4 e 5 mostram os resultados para as Amostras EJLA, Fiocruz respectivamente:

Tabela 4: Resultados (r) em coda interna para a Amostra EJLA: ITEM LEXICAL

Item	Apl/N	%	Peso ⁶
converso	3/3	100,00	0,824
curso	6/6	100,00	0,814
menorzão	5/5	100,00	0,773
quatorze	4/4	100,00	0,679
aniversário	3/3	100,00	0,640
menorzinho	4/4	100,00	0,488
Marcelo	19/20	94,70	0,717
terceiro	7/8	85,70	0,329
exército	6/7	83,30	0,375
porque	64/80	80,00	1,000
parceiro	9/12	77,80	0,246
força	4/5	75,00	0,119
diversão	3/4	66,70	0,201
serviço	6/9	66,70	0,070
tarde	4/16	25,00	0,988
certo	1/11	9,10	0,970
parte	1/12	8,30	0,970

5 Uma questão que se coloca no estudo do comportamento de itens lexicais a partir de dados de produção espontânea é a quantidade de dados por item e por indivíduo, uma vez que não há como controlar a distribuição dos dados neste caso.

6 É possível observar, por meio da leitura dos resultados, que há valores invertidos de peso relativo e porcentagem. Isso pode ser atribuído, a princípio, à distribuição dos dados por indivíduos, tendo em vista que nem todos os falantes realizam todos os itens.

Tabela 5: Resultados (r) em coda interna para a Amostra Fiocruz: ITEM LEXICAL.

Item	Apl/N	%	Peso
terceiro	4/4	100,00	0.745
conversando	4/5	75,00	0.724
força	3/4	66,70	0.707
curso	36/55	66,10	0.728
porque	60/114	44,70	0.987
conversar	4/9	44,40	0.502
conversa	2/7	37,50	0.531
(eu) acordo	1/3	33,30	0.874
converso	1/3	33,30	0.492
diversão	1/3	33,30	0.402
março	1/3	33,30	0.289
curros	2/7	28,60	0.450
quatorze	2/7	28,60	0.570
particular	1/4	25,00	0.824
torna	1/4	25,00	0.779
norte	1/8	12,50	0.782
normal	1/8	12,50	0.751
certeza	1/12	9,10	0.703

Conforme se depreende das Tabelas 4 e 5, há semelhanças ente os dois grupos de dados: os itens que apresentam variabilidade têm majoritariamente o contexto seguinte favorável à não-realização desse segmento, isto é, ambiente seguinte à coda (r) constituído por uma fricativa. Os resultados encontrados corroboram, mais uma vez, a importância do contexto seguinte para a não-realização do (r) interno.

Dentre os itens em que a coda (r) interna não foi realizada, somente os itens *porque*, *tarde*, *certo* e *parte* (Amostra EJLA) e os itens *porque*, *acordo*, *particular*, *torna*, *norte* e *certeza* (Amostra Fiocruz) não têm uma fricativa no contexto seguinte à coda (r) interna. Ao conjugarmos os itens citados, apenas o *porque* é realizado predominantemente sem a coda (r) interna entre os falantes da Amostra EJLA (80%; peso relativo 1,0), apresentando também um alto percentual de não-realização da coda (r) interna entre os falante da Amostra Fiocruz (44,70%; peso relativo 0,987). Embora a análise dos itens lexicais não tenha levado em conta a frequência de ocorrência dos itens, é interessante observar que o item *porque* – com maior frequência de ocorrência nas duas amostras dentre os itens com coda, e também com alta frequência de ocorrência na língua – apresente um percentual alto de ausência de coda, mesmo apresentando contexto seguinte desfavorecedor.

Apesar de poucas ocorrências, é possível observar que, dentre os itens cujo contexto seguinte à coda (r) interna era constituído por uma fricativa, apenas três itens da Amostra Fiocruz

foram realizados categoricamente sem a coda: *fervendo* (0/3), *curva* (0/3) e *nervoso* (0/3). Na Amostra EJLA, isso não aconteceu, ou seja, todos os itens em que o contexto seguinte à coda (r) interna era constituído por uma fricativa apresentaram alternância entre realização ou não da coda ou foram realizados categoricamente sem a coda.

Como a variável ‘item lexical’ se mostrou significativa para as duas amostras em análise (EJLA, range = 89; Fiocruz, range, = 69)⁷, é preciso identificar se há propriedades específicas atuando para a não-realização da coda (r) interna, dentre as quais está a frequência. Assim, estudos posteriores deverão levar em consideração a frequência de ocorrência do item lexical na realização da coda (r).

Conforme dito no início desta seção, a pouca quantidade de dados sem a realização da coda (r) interna no subgrupo de falantes da Amostra CENSO 2000 impossibilitou que o programa estatístico selecionasse variáveis relevantes no condicionamento da variação. Como a estratificação da amostra permite que variáveis sociais sejam analisadas, uma nova rodada foi realizada com esses dados, tendo sido consideradas apenas as variáveis ‘sexo’, ‘grau de escolaridade’, ‘faixa etária’ e ‘indivíduo’. Assim, foi possível analisar condicionamentos sociais que podem estar atuando na realização do (r) em coda interna.

O programa indicou como significativa apenas a variável ‘indivíduo’ no *stepup*. Porém, no *stepdown*, o programa selecionou, além da variável ‘indivíduo’, as variáveis ‘escolaridade’ (0.0304) e ‘faixa etária’ (0.0349).

A Tabela 6 exhibe os resultados para a variável ‘escolaridade’ nos dados do subgrupo da Amostra CENSO 2000:

Tabela 6: Resultados (r) em coda interna para subgrupo da Amostra CENSO 2000: ESCOLARIDADE

Grau de escolaridade	Apl/N	%	peso
Ensino Fundamental	24/276	8,8%	0.673
Ensino Médio	10/422	2,4%	0.327

Conforme se depreende dos resultados, os falantes com menor escolaridade tendem a não realizar a coda (r) interna.

Na Tabela 7, são apresentados os resultados para a variável ‘idade’ nos dados do subgrupo da Amostra CENSO 2000:

⁷ Range é uma medida que indica a força (strength) de uma variável, obtida através da diferença entre o maior e o menor peso reativo dos fatores do grupo. Quanto maior o range, maior o efeito no condicionamento da variação (TAGLIAMONTE, 2012).

Tabela 7: Resultados (r) em coda interna para subgrupo da Amostra CENSO 2000: IDADE

faixa etária	Apl/N	%	peso
19 a 29 anos	24/276	8,8%	0,664
30 a 50 anos	12/422	2,8%	0,336

Os resultados para a variável ‘faixa etária’ podem indicar um processo de mudança em direção à não-realização da coda interna, tendo em vista que a não-realização da coda (r) interna acontece mais entre os falantes mais jovens do subgrupo em análise.

A Tabela 8 traz os resultados para a variável ‘indivíduo’ para o mesmo subgrupo da Amostra CENSO 2000:

Tabela 8: Resultados (r) em coda interno para subgrupo da Amostra CENSO 2000: INDIVÍDUO

falante	apl/n	%	peso
I	5/43	11,60%	0.641
a	9/30	30,00%	0.628
C	7/87	8,00%	0.591
A	2/114	1,80%	0.533
N	1/143	0,07%	0.455
L	2/78	2,60%	0.423
F	2/125	1,60%	0.373
E	6/78	7,70%	0.355

Conforme se depreende dos resultados, com exceção da falante ‘a’ (30%), todos os falantes apresentam percentuais de não-realização da coda (r) interna inferiores a todos os falantes da Amostras Fiocruz e EJLA. Assim como nas outras amostras, a grande variabilidade encontrada nos resultados revela que é possível capturar, em uma mesma comunidade de fala, diferentes comportamentos entre os indivíduos, os quais contribuem diferentemente para a variação do (r) em posição de coda interna.

Coda (r) em coda final

Relativamente à coda (r) final em não-verbos, as variáveis linguísticas selecionadas para análise foram as mesmas testadas para a coda (r) interna: ‘contexto seguinte’, ‘contexto anterior’, ‘tamanho do item’, ‘tonicidade da sílaba em que o (r) ocorre’, ‘indivíduo’ e ‘item lexical’. O falante ‘p’ da Amostra Fiocruz foi excluído da rodada, uma vez que todos os itens foram realizados categoricamente sem a coda (r) final.

Os grupos de fatores indicados pelo programa estatístico como relevantes para a não-realização do (r) em coda final para as três amostras foram:

- Amostra Censo 2000: indivíduo e item lexical + contexto seguinte (0.000311)
- Amostra Fiocruz: item lexical e tonicidade (0.00318)

- Amostra EJLA: item lexical e contexto anterior (0.0248)

Somente a variável ‘item lexical’ se mostrou significativa nas três amostras, tendo sido a variável ‘contexto seguinte’ selecionada apenas para o subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000, a variável ‘tonicidade’ apenas para a Amostra Fiocruz e a variável ‘contexto anterior’ selecionada apenas para a Amostra EJLA. A ausência de outros condicionamentos pode se dever à quantidade de dados em posição final de palavras, que não é muito expressiva, principalmente os obtidos nas Amostras EJLA e Fiocruz. Os resultados serão analisados de acordo com a seleção realizada pelo programa estatístico. Não se pode afirmar, no entanto, que os condicionamentos linguísticos são diferentes nas três amostras estudadas.

A hipótese de Oliveira (1983) parece não se confirmar, isto é, parece não haver semelhança entre os condicionamentos para a não-realização das codas (r) interna e (r) final em não-verbos. Isso porque a variável ‘contexto seguinte’, que aparece como um forte condicionamento para a não-realização da coda (r) interna nas Amostras Fiocruz e EJLA, sequer é selecionada para essas amostras em relação à coda (r) final em não-verbos. Além disso, o alto índice de não-realização do (r) em coda final nas Amostras Fiocruz (70,8%) e EJLA (83%) pode indicar, para o grupo social ao qual pertencem (moradores de favelas), um avanço ou direcionalidade para a perda da coda (r) final também em não-verbos, assim como já ocorre com a coda (r) final em verbos.

Além disso, a partir dos primeiros resultados para a variável ‘contexto seguinte’, variável selecionada pelo programa para os dados do subgrupo da Amostra Censo 2000, a não-realização da coda (r) em final de nominais parece já ter se expandido de maneira que o condicionamento que favorece a não-realização da coda seja o contexto seguinte constituído por qualquer consoante e não apenas diante de consoantes específicas conforme postulado por Oliveira (1983), sendo a vogal e pausa contextos que desfavorecem a não-realização do (r) em coda final de não-verbos. Uma nova rodada foi realizada, amalgamando-se as consoantes em um único fator. A Tabela 9 a seguir mostra os resultados para essa nova rodada:

Tabela 9: Resultados (r) em coda final para subgrupo da Amostra Censo 2000: CONTEXTO SEGUINTE (consoante amalgamadas)

contexto seguinte	Apl/N	%	peso
consoante	154/233	66,10%	0,688
vogal	39/116	33,60%	0,457
pausa	25/49	51,00%	0,350

A Tabela 10 traz os resultados para a variável ‘tonicidade’, selecionada para os dados da Amostra Fiocruz:

Tabela 10: Resultados (r) em coda final para Amostra Fiocruz: TONICIDADE

tonicidade	Apl/N	%	peso
tônica	84/97	86,60%	0,796
átona final	10/46	21,10%	0,204

De acordo com os resultados obtidos, a coda final em sílaba tônica tende a não ser realizada, diferentemente do observado por Oliveira (1983) nos dados da variedade de Belo Horizonte. Segundo o autor, a coda (r) em final de não-verbos tende a ser cancelada em sílabas átonas. Os resultados também contradizem a hipótese clássica segundo a qual os segmentos tendem a ser preservados em sílabas tônicas.

A variável ‘contexto anterior’ foi selecionada para os dados da Amostra EJLA. Os resultados para essa variável encontram-se na Tabela 11 a seguir:

Tabela 11: Resultados (r) em coda final para Amostra EJLA: CONTEXTO ANTERIOR

contexto anterior	Apl/N	%	Peso
vogal média	172/185	93,50%	0,815
vogal alta	37/66	56,90%	0,185

Importante ressaltar que o único item da amostra com a vogal alta no contexto anterior foi *por* [ˈpuh], os demais itens lexicais eram constituídos de vogal média no contexto anterior.

Como somente ‘item lexical’ foi significativo nas três amostras, foram observados alguns itens em que não houve realização da coda (r) final de não-verbos nas três amostras. As tabelas 12, 13 e 14 apresentam os resultados para a variável ‘item lexical’, respectivamente, para as amostras EJLA, Fiocruz e subgrupo da amostra Censo 2000, com itens com mais de três ocorrências nas amostras:

Tabela 12: Resultados (r) em coda final para Amostra EJLA: ITEM LEXICAL

Item	Apl/N	%	Peso⁸
menor	33/33	100,00	0,704
mulher	15/15	100,00	0,637
morador	6/6	100,00	0,581
maior	28/29	96,60	0,540
melhor	18/19	94,70	0,480
qualquer	7/8	87,50	0,337
senhor	39/44	88,60	0,293
por	38/66	57,60	0,533
pior	4/8	50,00	0,102

⁸ É possível observar, por meio da leitura dos resultados, que há valores invertidos de peso relativo e porcentagem. Isso pode ser atribuído, a princípio, à distribuição dos dados por indivíduos, tendo em vista que nem todos os falantes realizam todos os itens.

Tabela 13: Resultados (r) em coda final para Amostra Fiocruz: ITEM LEXICAL

Item	Apl/N	%	Peso ⁹
lugar	15/15	100,00	0,709
menor	10/11	90,90	0,558
mulher	13/14	92,30	0,576
melhor	12/14	85,70	0,472
mar	5/7	71,40	0,791
por	5/32	15,20	0,261

Tabela 14: Resultados (r) em coda final para Amostra Censo 2000: ITEM LEXICAL

Item	Apl/N	%	Peso ¹⁰
jogador	9/9	100,00	0,796
mulher	32/34	94,10	0,833
lugar	39/44	88,60	0,461
qualquer	21/26	80,80	0,638
maior	15/19	78,90	0,638
professor	5/7	71,40	0,521
melhor	17/38	44,70	0,318
por	37/147	25,20	0,521
amor	3/12	25,00	0,185
pior	1/9	11,10	0,183

Conforme se observa nos resultados das Tabelas 12, 13 e 14, há itens que são realizados categoricamente sem a coda (r) final, além de altos percentuais de não-realização do mesmo segmento nos demais itens. O item *por* é mais frequentemente realizado sem a coda na Amostra EJLA, e mais frequentemente com a coda nas Amostras Fiocruz e Censo 2000.

Os dados do item '*por*' são ocorrências em expressões como 'por isso', 'por exemplo', 'por enquanto' etc, ocorrências essas que funcionam como *chunks*. Como a realização ou não de um segmento pode ser facilitada de acordo com o ambiente em que determinado item ocorre na fala contínua (BYBEE, 2002; 2010), nota-se que o contexto em que o (r) em coda final ocorre no item '*por*' na Amostra Fiocruz e no subgrupo da Amostra Censo 2000 é, em grande parte, desfavorável à não-realização da coda (contexto seguinte constituído por vogal), o que pode ter levado a uma tendência maior de realização da coda para esse item nas duas amostras. Por outro lado, nos dados da Amostra EJLA, como a maioria dos contextos seguintes ao (r) em coda final deste item era constituído por uma consoante, houve uma tendência à não-realização desse segmento.

A ampliação do estudo com um número maior de falantes e de ocorrências para estes itens

⁹ Idem à nota 5.

¹⁰ Idem à nota 5.

(ou outros itens) poderá confirmar se, de fato, alguns itens estão mais adiantados em um possível processo de mudança em direção à representação central sem a coda final de não-verbos.

Considerações finais

O presente artigo apresentou resultados de uma pesquisa que observou o comportamento de grupos sociais distintos da comunidade de fala do Rio de Janeiro em relação à variação do (r) em posição de coda silábica: a) um grupo de falantes de classe média-média e média-baixa (subgrupo da Amostra CENSO 2000); b) dois grupos de falantes da classe baixa, ambos formados por adolescentes moradores de favelas com diferentes graus de inserção social (Amostras EJLA e Fiocruz). Apesar de serem jovens moradores de favela, os falantes da Amostra Fiocruz, diferentemente dos jovens da Amostra EJLA, apresentam algum grau de inserção social, tendo em vista que apresentam um processo regular de escolarização e frequentavam um curso para monitores de museus, oferecido por uma das maiores instituições de ensino e pesquisa do país.

Por fim, a comparação dos resultados obtidos para as três amostras apresentou as seguintes evidências:

a) os condicionamentos para a não-realização da coda (r) interna não são os mesmos observados para a não-realização do (r) final em não-verbos na comunidade de fala do Rio de Janeiro, diferindo do encontrado por Oliveira (1983: 41) para a variedade de Belo Horizonte;

b) o processo de mudança em direção à não-realização da coda (r) final em não-verbos parece estar mais adiantado para alguns itens lexicais;

c) se há processo de mudança em direção à não-realização da coda (r) interna, este se implementa nos grupos sociais mais baixos da escala social, uma vez que o percentual encontrado para os falantes do subgrupo da Amostra CENSO 2000 não são diferentes dos já observados para falantes universitários de períodos anteriores;

d) parece haver diferentes padrões de representação para os dois tipos de coda (r), interna e final e não-verbos. Para a posição interna, a coda, com todas as possibilidades fonéticas que fazem parte da experiência do falante, é a representação central. Para a posição final de palavra, alguns itens se apresentam como as formas verbais de infinitivo, sendo a representação central sem coda;

e) em que pesem as diferenças de inserção social entre os dois grupos de adolescentes das Amostras EJLA e Fiocruz, não houve uma diferença acentuada entre os dois grupos em relação à taxa geral de não-realização da coda tanto medial quanto final, de maneira que os dois grupos se distanciam igualmente dos falantes do subgrupo da Amostra Censo 2000.

A observação de grupos sociais não mapeados normalmente nas amostras de fala espontânea permitiu a observação do comportamento dos itens lexicais com coda (r) medial assim

como trouxe contribuição para ampliar o entendimento da dinâmica sociolinguística da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Referências

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, 14, pp 261-290, 2002.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Patterns of lexical diffusion and articulatory motivation for sound change. In SOLÉ, Maria-Josep; RECASSENS, Daniel (eds.) *The initiation of sound change: perception, production and social factors*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. p. 211-234, 2012.

_____. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CALLOU, Dinah. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

_____. Revisitando o –R. In: RONCARATI, Cláudia; VOTRE, Sebastião (org). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 135–146, 2008.

CALLOU, Dinah, M. I.; SERRA, Carolina. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. In *Textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, p. 585-594, 2013.

CALLOU, Dinah M. I.; MORAES, João A.; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 6. Campinas: UNICAMP, p. 465-493, 1996.

_____. Apagamento do /R/ final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.* vol. 14, p.61-72, 2010.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina A. Variação linguística: antiga questão e novas perspectivas. *Linguagem*, Amapá, v. 1, n. 2, p. 31-41, 2004.

_____. Teoria de Exemplares. HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (org) *Fonologia, fonologias: uma introdução* São Paulo: Contexto, 2017, p. 157-168.

FOULKES, Paul; DOCHERTY, G. J. “The social life of phonetics and phonology”. *Journal of Phonetics*, 34: 151-167, 2006.

GUY, G.R., Linking usage and grammar: Generative phonology, exemplar theory, and variable

rules. *Lingua*, v. 142, p. 57-65, 2013.

HINSKENS, Frans; BERMAN, Ben; OOSTENDORP, Marc van. Grammar or lexicon or grammar and lexicon? Rule-based and usage-based approaches to phonological variation. *Lingua*, v. 142, p. 1-26, 2014.

HORA, D. da; MONARETTO, V. N. de O. Enfraquecimento e apagamento de róticos. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (Org.) *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 114-143, 2003.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, M. A. S. L. de. *Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

MENEZES, Vanessa C. F. *Aquisição da variação da líquida não-lateral em coda no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MENEZES, Vanessa C. F.; GOMES, Christina A. The Acquisition of Variable Coda (R) in the Speech Community of Rio de Janeiro. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* (Online), v. 18, p. 58-64, 2012.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanálise de um problema de variação. *Português: Estudos Linguísticos*, Uberaba, n. 7, p. 23-51, (Série Estudos), 1983.

PHILLIPS, Betty. *Word frequency and lexical diffusion*. New York: Palgrave, 2006.

PIERREHUMBERT, Janet B. Knowledge of Variation. *Papers from the Parasession on Variation, 30th meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago Linguistic Society, Chicago, 25 pp, 1994.

_____. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (eds.), *Probabilistic Linguistics*. Cambridge MA : The MIT Press, p. 177-228, 2003.

_____. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. *Annual Review of Linguistics* v. 2, p. 33-52, 2016.

TAGLIAMONTE, Sali. *Variationist Sociolinguistics. Change, Observation, Interpretation*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.